

Os diários de viagem do doutor Lacerda; a trama de referências no texto de um astrônomo paulista do final do século XVIII.¹

*The voyage journals of doctor Lacerda; the reference framework of a
Brazilian astronomer at the end of the 18th Century*

Magnus Roberto de Mello Pereira²

Claudio Denipoti³

RESUMO



O presente estudo ocupa-se em fazer uma leitura dos textos de Francisco José de Lacerda e Almeida, um astrônomo paulista do século XVIII, inserindo-os na cultura escrita de seu tempo, buscando as relações de seus escritos com outros, em suma a intertextualidade presente em suas memórias e diários de viagem. O estudo das relações entre textos, a tão insistentemente repetida intertextualidade, é caracterizado pela multiplicidade de vertentes, mais próximas do ambiente teórico das letras e artes do que propriamente da historiografia, onde tendeu a tornar-se mais um chavão vazio. De forma não sistemática, e principalmente sem incorporar o jargão, este é um ensaio de método historiográfico que procura aproximar-se da tradição construída a partir da linguística estrutural, que tem no texto seu objeto.

Palavras-chave: Iluminismo. Império Português. Relatos de Viagem. Identidade Paulista. Intertextualidade.

¹ O presente artigo e resultado de pesquisas financiadas pelo CNPQ, CAPES, e Fundación Carolina.

² Departamento de História - CEDOPE - Centro de Documentação e Pesquisa de História dos Domínios Portugueses - UFPR

³ Departamento de História- UEPG- CEDOPE - Centro de Documentação e Pesquisa de História dos Domínios Portugueses (UFPR) - GCEAP - Grupo de Estudos Cultura e Educação na América Portuguesa (UFMG)

ABSTRACT



This work deals with the readings of Francisco José de Lacerda e Almeida, 18th Century astronomer from Sao Paulo, including such readings in their own time, searching for the relationships with other texts and readings - in short, the intertextuality in Almeida's memoirs and voyage journals. The study of such relationships is defined by the many theoretical currents, closer to the studies of the arts and languages than historiography itself, in which it has become an empty statement. This is an attempt to come back, unsystematically, to the tradition build by structural linguistics, which has the text as its objects.

Keyword: Enlightenment. Portuguese Empire. Voyage narratives. Identity. Intertextuality.

Sabemos agora que um texto não é feito de uma linha de palavras a produzir um sentido único, de certa maneira teológico (que seria a "mensagem" do Autor-Deus), mas um espaço de dimensões múltiplas, onde se casam e se contestam escrituras variadas, das quais nenhuma é original: o texto é um tecido de citações, saídas dos mil focos da cultura.

Roland Barthes (1988)

A Guerra de Sucessão Austríaca (1740-1748) e a Guerra dos Sete Anos (1756-1763) desencadearam uma corrida colonial, na qual as principais potências europeias buscaram reposicionar-se em escala global. Os conflitos entre Inglaterra, França, Espanha e Portugal ultrapassaram o âmbito europeu e expandiram-se para a América do Norte e do Sul, Caribe, África e Índia. Desde então, as ilhas e passagens oceânicas, como as Malvinas e o Estreito de Magalhães, passaram a ser consideradas como pontos estratégicos. França, Inglaterra e Espanha organizaram diversas expedições de exploração, buscando descobrir e tomar posse desses locais. Áreas pouco exploradas, como o norte da Amazônia, a costa da Patagônia e a costa oeste da América do Norte, também se tornaram alvos de expansão. Os arquipélagos do Pacífico e as grandes ilhas do extremo sul, até então livres da presença colonial, foram regularmente explorados e, por fim, submetidos ao domínio europeu.

Tais expedições, no entanto, não tiveram apenas caráter bélico e estratégico. Quase todas comportavam, simultaneamente, um viés científico, uma vez que crescente número de astrônomos, naturalistas, cartógrafos e desenhistas passaram a integrar as tripulações. Com isso, a Europa envolveu-se em um grande processo de (re)conhecimento do mundo, através do levantamento astronômico e cartográfico, da catalogação geral da flora, da fauna e dos minerais, e do estudo das populações nativas.⁴

4 Sobre a estruturação dessas redes científicas (PEREIRA, 2013, p. 91-138).

Portugal não ficou alheio a esse processo. Como o país não dispunha de pessoal com a formação científica necessária, o marquês de Pombal, no bojo do processo de expulsão dos jesuítas, que até então tinham controle quase que absoluto sobre as instituições de ensino, conduziu uma ampla reforma da Universidade de Coimbra, em 1772. Com vistas a formar os quadros necessários à exploração científica, dois novos cursos foram criados, o de Filosofia (diga-se, Ciências Naturais) e o de Matemática, que incluía a Astronomia em seu currículo.

Uma peculiaridade portuguesa foi o fato de que a maioria dos interessados pelas novas carreiras científicas era de origem brasileira. A independência de algumas das colônias inglesas da América do Norte (1776) serviu de sinal de alerta e a coroa de Portugal passou a desenvolver uma política de cooptação das elites coloniais para o seu projeto imperial. Os filhos dessa elite foram estimulados a estudar em Coimbra e, depois de formados, eram recompensados com cargos públicos. Um dos resultados desse processo foi a surgimento de uma elite intelectual bastante unitária e homogênea, que incluía tanto os reinóis quanto os oriundos das colônias.

O astrônomo paulista Francisco José de Lacerda e Almeida foi fruto deste processo. Os mais destacados alunos do curso de Matemática foram escolhidos para integrar a equipe responsável pela demarcação das fronteiras americanas entre os territórios coloniais da Espanha e de Portugal. Lacerda e Almeida e seu colega Antônio Pires da Silva Pontes recém haviam concluído o curso de Matemática em Coimbra, quando foram recrutados pela coroa e enviados ao Mato Grosso, onde permaneceram por uma década. Além das medições astronômicas, deixaram como legado diários de viagem e outros textos sobre a região.

A demarcação das fronteiras hispano lusitanas da América do Sul, que fazia parte da conjuntura setecentista de (re)conhecimento e (re)posicionamento das potências europeias em escala global, foi uma das mais fantásticas aventuras científicas da época. Todavia, não foi a única aventura científica da qual participou Lacerda e Almeida. Ao findar o século XVIII, foi ele mais uma vez convocado pela coroa, desta vez para atravessar a África por terra, de Moçambique a Angola, assumindo o comando da tão acalentada viagem à contracosta. Portugal visava com isto unificar suas maiores colônias africanas e consolidar posição no continente. Depois de ter percorrido 1500 km pelo interior da África, o Dr. Lacerda morreu sem conseguir cumprir a missão que lhe fora incumbida. Sentindo-se doente e fraco, deixou ordens expressas para que a expedição continuasse a caminho de Angola, mesmo após sua morte. Dissensões internas, no entanto, levaram ao abandono do propósito e ao retorno a Moçambique.

Lacerda e Almeida é da primeira geração de estudantes formada pela Universidade de Coimbra Reformada.⁵ Integrou a turma do Curso de Matemática, que acabara de ser criado pelos estatutos pombalinos. Quando os padres da Companhia de Jesus foram expulsos, em

5 Relação dos estudantes de todas as faculdades desta Universidade que fizeram seus exames e actos nas disciplinas na forma dos Novos Estatutos em o fim do anno lectivo de 1772 para 1773. BNL, Pomb. Cód. 229.

1759, os integrantes da geração dos primeiros alunos da Coimbra pós-reforma, nascidos no começo da década de 1750, eram ainda crianças. Francisco José, por exemplo, teria algo como sete anos de idade. Em decorrência, os integrantes dessa geração fizeram seus estudos fora do âmbito da educação jesuítica e foram moldados intelectualmente pela insistente pregação pombalina que combinava antijesuitismo, crença na ciência e regalismo extremado. Entre outras coisas, eram cultores do livro e da leitura e acreditavam no seu poder transformador. Participavam ativamente de uma cultura escrita ou do texto. A posse de bibliotecas privadas, comum a toda essa intelectualidade, bem como a escrita de textos acadêmicos, para além de diversos outros sentidos e usos, cumpria o papel de signo de sua forma de estar no mundo.

Sabemos que Francisco José de Lacerda e Almeida, como era corrente entre os seus parceiros intelectuais, tinha uma biblioteca e que a levou, inteira ou parte dela, em sua missão à África. O procedimento de levar livros na bagagem das expedições era mais ou menos padrão, dadas as circunstâncias do incipiente mercado livreiro nas colônias. Era manifesta a dificuldade de encontrar obras de referência, principalmente quando se tratava de literatura científica especializada.

Até o momento, não é conhecido nenhum documento que arrole o conteúdo da biblioteca de Lacerda.⁶ Em seu testamento, as referências são pontuais e não foi encontrada nenhuma listagem de organização, venda ou remessas de livros. Sabe-se, porém, que ele trouxera para a África um conjunto de obras científicas diretamente ligadas às suas atividades de astrônomo, ou seja, a medição das coordenadas geográficas necessárias à elaboração roteiros cartográficos e mapas da região que atravessou. Nesta categoria, levava consigo um Atlas Celeste, as *Tablas* de Gardiner (1783) e o *Connaissance des Temps* (BUREAU DES LONGITUDES, 1798), da Academia de Ciências de Paris. Estes livros provavelmente não eram de sua propriedade particular. Faziam conjunto com os instrumentos astronômicos que pertenciam à Real Academia dos Guardas Marinhas, onde era professor, os quais foram cedidos para possibilitar que ele fizesse medições astronômicas em seu trajeto pelo interior da África. Abortada a expedição, foi feito um esforço de recuperação desses instrumentos e livros, visando devolvê-los à instituição de origem (MONTEZ, 1958, p. 182-187).

Assim, as primeiras constatações que as fontes nos permitem fazer sobre a relação dos textos de Lacerda e Almeida com impressos e não impressos de outros autores são pobres. Não vão além de confirmar que ele trazia consigo uma pequena bibliografia especializada para uso de astrônomos em campo. Por outro lado, o luso-brasileiro legou um conjunto de memórias (monografias) e diários de viagem que cobrem sua presença na América do Sul e na África. Todavia, para enfrentar tais textos é preciso estar munido de lupa, além de buscar instrumental interpretativo adequado.

⁶ Lacerda, não legou nada parecido com uma bibliografia, como foi o caso de seu contemporâneo Alexandre Rodrigues Ferreira, que organizou uma lista dos livros que ele considerava essenciais para o conhecimento do Brasil. (FERREIRA, 1934, p. 70).

Un appareil translinguistique

O presente estudo ocupa-se em fazer uma leitura dos textos de Francisco José de Lacerda e Almeida, de modo a inseri-los na cultura escrita de seu tempo, buscando as relações de seus escritos com outros, em suma a intertextualidade presente em suas memórias e diários de viagem. O estudo das relações entre textos, a tão insistentemente repetida intertextualidade, é caracterizado pela multiplicidade de vertentes, mais próximas do ambiente teórico das letras e artes do que propriamente da historiografia, onde tendeu a tornar-se mais um chavão vazio. De forma não sistemática, e principalmente sem incorporar o jargão, este é um ensaio de método historiográfico que procura aproximar-se da tradição construída a partir da linguística estrutural, que tem no texto seu objeto.

Do ponto de vista teórico, o primado do texto é hoje tão forte que o estatuto do “autor” tem sido objeto de ampla discussão. Pensadores tão díspares quanto Barthes, Foucault e Benjamin chegam mesmo a relativizar a sua importância (existência?), considerando-o uma invenção histórica bastante recente. Foucault (1994) supõe a morte do autor tradicional, cujo espaço é ocupado por um tecido discursivo que é manipulado por outro tipo de sujeito: o instaurador. Noção próxima é formulada por Umberto Eco (1969).

Atualmente há o reconhecimento de que todo o texto, no que respeita à sua enunciação, é uma tecitura de múltiplas vozes, cujas autorias ficam explícitas ou não, que se complementam e reiteram, perguntam e respondem, fundam polêmicas, pedem apoio e estabelecem rupturas. Barthes (1974) é categórico: “tout texte est un intertexte; d'autres textes sont présents en lui, à des niveaux *variables, sous des formes plus ou moins reconnaissables.*”⁷ Da mesma forma, integrantes do círculo baktiniano, como Julia Kristeva (1970. p.12), vão definir o texto como prática intertextual.

[...] nous définissons LE TEXTE comme un appareil translinguistique qui redistribue l'ordre de la langue, en mettant en relation une parole communicative visant l'information directe, avec différents énoncés antérieurs ou synchroniques. Le texte est donc une PRODUCTIVITÉ, ce qui veut dire: (1) son rapport à la langue dans laquelle il se situe est redistributif (desconstructivo-construtif), par conséquent il est abordable

7 “todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis”

à travers des catégories logiques et mathématiques plutôt que purement linguistiques; (2) il est une permutation de textes, une intertextualité dans l'espace d'une texte plusieurs énoncés, pris à d'autres textes, se croisent et se neutralisent.⁸

Outro pensador de origem estruturalista a formular noções muito parecidas foi Michel Foucault:

Les marges d'un livre ne sont jamais nettement ni rigoureusement tranchées; par-delà de le titre, les premières lignes et le point final, par-delà sa configuration interne et la forme que l'autonomise, il est pris dans un système de renvois à d'autres livres, aux autres textes et aux autres phrases: un nœud dans un réseau (FOUCAULT, 1969, p. 34).⁹

Ao desenvolverem o entendimento de que o texto deve ser pensado em termos de redes e links, Barthes e Foucault forneceram as bases da noção de hipertexto e o instrumental para sua compreensão. (LANDOW, 1992, p. 5). Parte expressiva da terminologia utilizada no estudo e na descrição dos hipertextos (link, nó, rede, trama, ligação, etc.) pode ser encontrada em S/Z, obra na qual Barthes (1980) analisa Sarrasine, de Honoré Balzac. O hipertexto é o espaço da radicalização da intertextualidade.

Na medida em que a produção textual que nos interessa tem caráter científico, não podemos deixar de lado Bruno Latour (2000, p. 362), um autor essencial nesta área. Questionando-se sobre a maneira pela qual é possível agir à distância sobre determinados locais ele argumenta que é necessário:

a invenção de meios que (a) os tornem móveis para que possam ser trazidos, (b) os mantenham estáveis para que possam ser trazidos e

8 [...] Nós definimos O TEXTO como um dispositivo translinguístico que redistribui a ordem da linguagem, conectando um discurso comunicativo para dirigir informações, com diferentes enunciados anteriores ou sincrônicos. O texto é portanto uma PRODUTIVIDADE, o que significa: (1) sua relação com a língua em que está situado é redistributiva (desconstrutiva-constructiva), portanto é acessível através de categorias lógicas e matemáticas em vez das puramente linguísticas; (2) existe uma permutação de textos, uma intertextualidade: no espaço de um texto, vários enunciados tirados de outros textos se cruzam e se neutralizam.

9 As margens de um livro nunca são claramente ou rigorosamente recortadas: além do título, das primeiras linhas e do ponto final, além de sua configuração interna e a forma que o autonomiza, ele está preso em um sistema de remissões a outros livros, outros textos, outras frases: um nó em uma rede.

levados sem distorções, decomposição ou deterioração, e (c) sejam combináveis de tal modo que, seja qual for a matéria de que são feitos, possam ser acumulados, agregados ou embaralhados como um maço de cartas.

A noção de “móvel, estável e combinável” conforma o núcleo a partir do qual Latour desenvolve uma teoria da “inscrição” científica. Para ele, todas as inscrições (medidas astronômicas e climatológicas, mapas e desenhos, plantas desidratadas, descrições, etc.) implicam em perda, já que elas retêm apenas alguns traços essenciais ou relevantes de seu referente: a totalidade do ambiente. Todavia, elas têm a vantagem de se prestarem a uma série de operações como a seriação, a comparação, etc. Assim como em Barthes e outros semiólogos, a teorização desenvolvida por Latour ultrapassou o texto, passando a incluir imagens, objetos ou quaisquer outros referentes que se prestem a integrar sistemas de significação.

A produção de inscrições dessa natureza visa permitir que o objeto da observação científica seja reduzido e transposto para o plano (o papel, a tela). O passo seguinte é sua inserção na rede científica com destino àquilo que Latour denomina de “centros de cálculo”. Tais centros são os locais de acúmulo e manipulação dessas inscrições, no nosso caso os complexos de Jardins Botânicos, Museus de História Natural e Academias Científicas localizados nas metrópoles coloniais europeias. A cada retorno dos cientistas expedicionários ao local da observação fechava-se um ciclo de acumulação de conhecimento e ampliava-se o fosso, cada vez mais colossal, entre o saber científico e o saber regionalista do leigo, por exemplo, entre a Biologia europeia e a ‘etnobiologia’ de uma dada tribo.¹⁰ Não é descabido pensar os ciclos de acumulação propostos por Latour como ciclos de intertextualidades.

Os livros e manuscritos voltados às ciências produzidos na conjuntura científica em que viveu Lacerda e Almeida fazem parte desse processo. Fossem eles manuais, tratados, relatos ou compilações, pode-se dizer que eram objetos científicos que aglutinavam diversos registros tornando portáteis os conteúdos aglutinados nos ‘centros de cálculo’. Desde que provida de biblioteca ou arquivos adequados, qualquer expedição terrestre ou marítima tornava-se ela própria um pequeno centro de cálculo. Não era preciso mandar todos os exemplares mineralógicos, botânicos ou zoológicos encontrados para a Europa. Tendo ao alcance o *Genera Plantarum* (Linæi, 1742), a *Histoire Naturelle* (Buffon, 1749-1804) ou obras correlatas era possível determinar em campo se um dado espécimen já fora descrito ou se se tratava de espécie inédita. Tais obras também permitiam generalizações, tais como determinar o espaço de disseminação de uma dada espécie.

10 Etnobiologia, etnogeografia, etnomatemática, etc. são os termos utilizados por Bruno Latour para se referir aos saberes dos povos não europeus, em oposição às ciências europeias, designadas por Biologia, Geografia ou Matemática.

Os manuscritos e livros contendo relatos de viajantes também pertenciam a esse tipo de objeto científico, uma vez que resultavam da planificação e aglutinação de diversas inscrições, fossem elas textuais (descrições, coordenadas astronômicas, etc.), fossem imagéticas (ilustrações, mapas, linhas de costas, etc.).

Os relatos de viagem e outros textos deixados pelo astrônomo paulista Francisco José de Lacerda e Almeida não são exatamente livros. Tecnicamente são monografias e diários de viagem manuscritos. Diríamos que esses diários são inscrições produzidas em campo, usando o jargão latouriano. Todavia, pode-se fazer uma diferenciação entre eles. Os primeiros, que cobrem a ida de Lisboa a Barcelos, no Grão-Pará, são registros técnicos de um astrônomo em campo. São antes anotações para uso de um grupo restrito, muito próximas daquilo que Latour teorizou como inscrições. A memória sobre as missões espanholas (ALMEIDA, 1849, p. 106-119) e outra sobre Moçambique (ALMEIDA, 2012, p. 495-506) foram redigidas num tipo de linguagem que, além de registrar as coordenadas espaciais, denota já alguma preocupação com os efeitos da narrativa sobre os leitores. O relato que cobre o trajeto entre o Grão-Pará e Mato Grosso chegou a ser aperfeiçoado com vistas à publicação. É um quase-livro, mas os azares do destino fizeram com que fosse a única versão de seus relatos a permanecer inédita. Por último, os diários da fase moçambicana demonstram mais propensão à intertextualidade explícita, mas não chegaram a ser aperfeiçoados devido à morte do autor.

Independentemente destas variações de formato, todos fazem parte da cultura escrita científica da época, em cujos padrões intertextuais incluíam-se as citações, alusões, referências, pastiches, plágios, etc. Lacerda e Almeida não era exceção e adotava esses múltiplos procedimentos. Através deles seus relatos dialogavam com outros textos, relendo-os e atualizando-os. Não é preciso um grande esforço para perceber em sua escrita todo um processo de 'linkeamento' com autores, temáticas gerais e questões específicas de seu interesse e próprias de seu tempo. Todavia, antes de entrarmos nas formas específicas através das quais o astrônomo paulista dialogava com os textos que lera, cabe tentarmos imaginar o que ele pode ter lido, ou seja, tentarmos apreender, ainda que fragmentariamente, o universo possível da cultura escrita do qual participava Lacerda.¹¹

A Coimbra a te formares

Assim como qualquer estudante de Coimbra de sua geração, Francisco José de Lacerda e Almeida participava de um dado padrão de leitura que incluía todo um conjunto de livros

¹¹Não existe a pretensão de elaborar um inventário completo desse universo, tarefa que extrapola em muito os limites do presente texto.

especializados em sua área de formação. Grosso modo, pode-se afirmar que, do ponto de vista das leituras formativas obrigatórias, a reforma universitária pombalina corresponde à passagem de percepção cartesiana do universo, até então assegurada pela primazia jesuítica no ensino, para a newtoniana, estabelecida como novo paradigma estatutário da Universidade. Por outro lado, na condição de estudante universitário e letrado, para além dos livros de dever de ofício, a cultura letrada da qual participava Lacerda punha-o em contato com obras diversificadas que incluíam desde livros de conteúdo religioso e moral até aqueles lidos por puro prazer.

Leitura obrigatória na época era a apologética pombalina, de cuja produção os letrados luso-brasileiros participaram ativamente. (TEIXEIRA, 1999). Uma das preocupações centrais na atuação do Marquês foi a construção da memória de D. José I e da sua própria através de cerimônias espetaculares. (CRUZ; PEREIRA, 2009). A inauguração da estátua equestre do rei, em junho de 1775, foi o principal marco destinado a perpetuar a autoria da reconstrução de Lisboa, destruída pelo terremoto de 1755. Os festejos da instalação da “Nova Universidade”, aos quais Lacerda deve ter estado presente, foram outros desses grandes espetáculos públicos.

Pombal foi especialmente a Coimbra para o evento e as cerimônias pombalinas de entrega dos Estatutos da Reforma causaram grande impressão entre os estudantes brasileiros. Lacerda e Almeida não deixou nenhum relato conhecido sobre o tempo em que estudou em Coimbra. No entanto, a produção de alguns de seus colegas mais dados às letras pode dar uma ideia da adesão dos estudantes brasileiros à pregação pombalina. Manoel Ignácio da Silva Alvarenga, que iniciou seus estudos universitários no ano anterior a Lacerda, cantou em versos tanto a inauguração da estátua equestre de D. José (ALVARENGA, 1775), quanto a aparatosa chegada de Pombal a Coimbra.

Já o invicto Marquez com regia pompa
Da risonha Cidade avista os muros.
Já tóca a larga ponte em aureo coche.
(ALVARENGA, 1774, p. 8.)

A pregação encomiástica dos poetas neoclássicos luso-brasileiros é um indício da eficácia pombalina na instauração do culto à personalidade, da difusão da crença na ciência e na adesão ao regalismo extremado entre aqueles que, como Lacerda, cursaram a Universidade no período.

Outra variedade literária especialmente apreciada e fartamente impressa no período eram os diversos gêneros cômicos, entre eles a literatura satírica, o teatro de comédia, além de folhetos jocosos. Os relatos de Lacerda deixam entrever que ele era um apreciador deste tipo de literatura, como era comum entre os estudantes.

Na cultura escrita de Coimbra desenvolveu-se uma tradição própria e muito peculiar de escritos jocosos, os quais satirizavam as mazelas da vida estudantil. Tais textos foram sendo compilados na obra coletiva intitulada *O Palito Métrico*, cujas reedições eram sucessivamente acrescidas de novas colaborações escritas em português, ou em latim macarrônico. Nada escapava à pena satírica dos estudantes, nem mesmo a reforma pombalina. A imposição do estudo de Filosofia, diga-se História Natural, aos alunos de todos os cursos, como forma de assegurar a universalização da visão científica de mundo foi alvo da chacota estudantil. Numa das contribuições ao *Palito Métrico*, um “doutor” em Direito faz as recomendações necessárias para um estudante novato que partia para Coimbra “parecer” ser sábio, destilando jocosa ironia sobre a Filosofia:

Uma das guerras que não rebentou entre nós, mas que teve o seu princípio no caruncho da Antiguidade, é sobre o merecimento, préstimos e progressos das faculdades: pede a moda que digamos que a Filosofia excede as outras, precipue a História natural: e sou de voto que tenha em sua casa alguns gafanhotos, borboletas, petrificados e etc (PALITO métrico, 1942, p.358).

Outra variante cômica corrente na cultura escrita da época era a literatura de cordel. Nesta categoria podem ser englobados folhetos satíricos de toda ordem, entre eles os enredos de entremezes, o gênero teatral de maior sucesso na época. Os entremezes eram comédias de apenas um ato, cuja encenação parodiava a vida social da época. O personagem mais recorrente nesta modalidade teatral era o Peralta: jovem perdulário, que só pensava em se vestir à moda, dado ao jogo, sedutor de donzelas ‘de família’, ou que buscava casamento por conveniência com mulheres mais velhas. O próprio Lacerda demonstra traços de Peralta em sua personalidade. Foi acusado pelo governador de Mato Grosso de estar mais preocupado em ser “mais amigo de divertimentos e comodidades do que do desempenho das obrigações”.¹² As circunstâncias de seu primeiro casamento, com uma mulher ainda muito jovem e muito mais nova que ele, colocam-no no papel de peralta ‘sedutor’. O seu segundo casamento foi também controverso.

Uma questão frequentemente abordada no *Palito Métrico* e nos folhetos cômicos era a origem pátria dos estudantes. (CRUZ; PEREIRA, 2009). Convém lembrar que até fins do século XVIII, a palavra pátria era usada como sinônimo do local de nascimento, da terra de onde se é. Já foi observado, a propósito da estrutura da identitária da sociedade do Antigo Regime, que ao lado do pertencimento à identidade geral portuguesa os estudantes também se

¹² Arquivo Histórico Ultramarino, Mato Grosso, Cx. 26, D1518.

reconheciam como pertencentes a uma “pátria chica”, conceito que os historiadores Ana Cristina Nogueira da Silva e Francisco Manuel Hespanha (1992, v.4, p.19-37) utilizam para indicar o sentido de pertinência dos moradores de uma determinada vila, cidade, ou região do reino ou das colônias. Veja-se o exemplo de um cordel de poesia satírica da época.

Não esperes Brasileiro,
Por mais finezas, que faças,
Alcançar de Lizia bella
Os mimos das suas graças.
Toma hum maduro conselho,
De quem experiente falla;
Não respondas a seus ditos,
Não dês credito, ouve, e calla.
Se o teu intento he ires
A Coimbra a te formares,
Aproveita todo o tempo
Somente em estudaes.
(CONSELHOS, 1778)

Tais versos não passaram em branco. Logo a seguir a resposta foi ao prelo.

Mas, se teve a petulancia
Este filho do Brazil
Para nos dizer gracinhas,
Ouça agora tambem mil.
[...]
Diz que he filho da Bahia:
Creio que naõ, na verdade,
Pois oiço dizer a alguns
Que ha já lá civilidade.
Será talvez do Certão,
Ou de algumas toscas matas,
Onde se chamaõ senhoras
Á Pretas, e as Mulatas
(DISCURSO, 1778).

Interessa notar o uso paralelo de gentílicos como “filho da Bahia”, para designar um recorte de pertencimento regional específico, e “filhos do Brazil” ou da América, para designar a generalidade dos nascidos nas colônias americanas. No imaginário estudantil setecentista, o termo mais geral - brasileiro ou americano - continha os designativos regionais específicos - baiano ou mineiro -, do mesmo modo que entre os reinóis os do Porto distinguiam-se dos de Braga ou dos de Lisboa.

A cultura escrita, por ser pública, desempenha importante papel na constituição dos universos de pertencimento, uma vez que em seu interior se desenvolvem o ataque e a defesa da pátria chica. O vilipendiado “certão”, por exemplo, era por excelência um universo paulista, ao qual pertencia o jovem Lacerda.

Os folhetos satíricos, nas suas variantes em prosa, verso ou para encenação podem ser pensados como parte essencial do núcleo constitutivo da formação da “opinião pública” (HABERMAS, 2003) em Portugal. No entanto, esses folhetos, assim como qualquer publicação impressa no período, passavam pela censura antes de irem ao prelo (MARTINS, 2005). Assim, deve-se ter em conta que se tratava de uma “opinião pública” consentida, e até mesmo estimulada, pelo pombalismo. Aos que ultrapassassem o patamar permitido de crítica social era indicado um estágio corretivo no Limoeiro ou na Trafaria, as principais prisões lisboetas da época.

Ainda que com riscos semelhantes, restava a Lacerda recorrer a livros provenientes do estrangeiro. Comparativamente, na França o mercado editorial estava pleno de novidades editoriais, cujo ápice era a *Encyclopedie*, (DARNTON, 1996) competindo ferozmente com obras escandalosas (DARNTON, 2010), pirataria editorial e obras “de divulgação” do conhecimento que os séculos seguintes classificaram como científico. Apesar de todas as proibições, restava sempre a possibilidade de pedir autorização para a leitura de livros censurados (DENIPOTI; FONSECA, 2011) e, por último, o acesso clandestino a obras proibidas (DENIPOTI, 2014).

Auri sacra fames

Voltando à narrativa dos diários de viagem de Francisco José de Lacerda e Almeida, constata-se, desde logo, que ela é muito simples e procura transmitir a noção de que é resultado de observação direta¹³. Em poucos casos são reproduzidas informações prestadas *in loco* por terceiros, as quais reiteram o sentido presencial da escrita. Estar lá é a tônica.

Eni Orlandi (1994, p. 47-57.), ao comentar a escrita de Lacerda e Almeida, assevera que:

Há um efeito de objetividade produzido por esta escrita que se dá ao nível do pre-construído: os rios, localidades, características geográficas aparecem já nomeados, mostrando um país já estabelecido de fato. Não

13 Sobre a recepção historiográfica da obra de Lacerda e Almeida e outros luso-brasileiros do período, ver Pereira e Cruz (2014, p. 7-34).

se trata de um processo de denominação desses “acidentes”, eles já aparecem como estando lá, nomeados. Sua existência material já está garantida, o que se produz com a descrição é a atestação formal, jurídica, de sua existência. Esta é uma viagem oficial, com a presença de um Comissário que valida as demarcações, que dá legitimidade ao percurso descrito e produz a visibilidade do espaço que configura a realidade desse país. [...] A precisão do discurso do astrônomo comparece para aumentar o efeito de objetividade: “tem de comprimento 11 léguas: 7 correm ao ONO até a boca do outro furo chamado Guajuru, e as 4 léguas a N até subir no Amazonas...” Tanto o caráter histórico quanto etnográfico aparece de modo circunspecto.

Para além destas características, percebe-se também que o astrônomo é econômico quanto a alusões diretas a qualquer tipo de texto.¹⁴ Em seus primeiros relatos, de Belém a Barcelos e dali a Mato Grosso, a narrativa é mínima e funciona como introdução às distâncias percorridas no dia e às coordenadas geográficas, que parecem ser a razão maior do registro. A noção de inscrição desenvolvida por Bruno Latour se presta à perfeição para caracterizar a escrita de Lacerda nesta primeira fase.

Para comparação, veja-se a narrativa paralela elaborada por Antônio Pires da Silva Pontes, o outro astrônomo da expedição e colega de Lacerda em Coimbra, e pelo militar Ricardo Franco de Almeida Serra (ALMEIDA, 1841, p. 15). O texto de Silva Pontes é muito mais rico em detalhes e refere-se diretamente ao relato de Charles Marie de La Condamine, já na época de leitura obrigatória a quantos letrados se dirigissem à região. Mais que por sua missão científica, La Condamine ficou conhecido pelas peripécias narradas em seu relato de viagem, que foi um grande sucesso editorial.¹⁵ De certa forma, o astrônomo francês atualiza os antigos *racontos* de périplos aventurecos por países exóticos, fundindo-os à narrativa da viagem científica. (PINTO, 1711).

Lacerda há de ter lido La Condamine, mas o seu olhar e escrita parecem pouco informados pelo texto do colega e precursor francês. Em oposição a este, são mínimas as descrições de cenas de ação nos relatos do luso-brasileiro. A mais notável delas não vai além de uma escaramuça com índios, cuja narrativa começa e termina pelas léguas percorridas.

14 Muito diferente de Alexandre Rodrigues Ferreira que, ao contrário do astrônomo paulista, exacerbava em suas citações, incorporando em seus textos relatos inteiros elaborados por terceiros. Nos relatos de Ferreira, por vezes é difícil saber quem está a falar, embora ele sempre atribua a autoria dos textos incorporados.

15 Sobre a viagem de La Condamine, ver Safier (2008).

— 23 — Tendo navegado 1 ½ legoa fomos atacados pelo Gentio, que do matto, e sem serem vistos, despedirão immensas flechas sobre a minha canoa, com tal felicidade nossa, que nem-um ferirão, escapando muitos pelas voltas que davão ao corpo, quando as vião em direitura a si: eu escapei de ser atravessado por uma pelo pescoço [...] e depois d’esta diligencia continuamos a marcha e andamos n’este dia 3½ legoas. (ALMEIDA, 1841, p. 22)

Lacerda e Almeida chegou a visitar algumas missões espanholas e sobre elas deixou um relato muito peculiar, pois nele se liberta da rigidez do diário e assume uma escrita mais livre e saborosa. Apesar de ter-se tornado amigo e correspondente de um dos padres espanhóis, a sua crítica às missões foi devastadora, o que é mais um indicativo, ainda que sutil, da eficácia dos discursos produzido por Pombal e seus êmulos, com os quais foram bombardeados os estudantes de Coimbra. “A forma de seu governo é a mesma para todos, e tendentes, por um geral abuso, a fazer a felicidade de poucos individuos Hespanhóis, á custa da infelicidade de centenas de índios” (ALMEIDA, 1849, p. 110). Todavia, as críticas do astrónomo aí não se detiveram, igualando portugueses e espanhóis na exploração desenfreada dos índios: “esta é uma peste formidável, de que também os nossos não se livram” (ALMEIDA, 1849, p. 112). Tanto ele quanto o naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira foram bastante críticos em relação aos administradores civis que, na Amazônia, substituíram os religiosos expulsos pelo marquês de Pombal.

Neste relato, Lacerda e Almeida faz diversas digressões sobre a vida dos índios nas missões espanholas, nas quais põe em relação as suas observações diretas com diferentes enunciados precedentes ou sincrônicos, como diria Kristeva. Na passagem a seguir são visíveis as relações de intertextualidades com um relato de viagem cuja leitura era obrigatória a qualquer naturalista ou astrónomo viajante da época.

Não obstante serem estes índios catholicos romanos, a superstição herdada dos seus maiores subsiste entre elles na parte que toca ao enterro dos seus mortos. Esta foi a unica cerimonia em que a pude descobrir, sem embargo de ter ouvido do mesmo parochio que elles ainda conservavam muitos abusos e os praticavam ás escondidas, e que lhe não tinha sido possivel tirar o ridiculo costume de cobrirem as sepulturas dos seus finados com pedaços de telhas, e de porem em cima d’ellas vasos com agua e alimentos, não esquecendo a chixa. Esta obstinação dos índios na execução d’este rito procederá talvez de não poderem deixar de o fazerem publicamente, visto praticarem outras ceremonias

occultamente, como fica dito. Este mesmo costume se observou entre os demais colonos d'aquelle vasto continente nos principios do seu descobrimento, e a sua generalidade nos deve admirar por estender-se ás mesmas ilhas do mar Pacifico, descobertas ha perto de trinta annos, visto não se poder certificar, sem temeridade, que tiveram com os da America alguma communicação (ALMEIDA, 1849, p. 116).

À descrição de determinada prática funerária observada em loco seguem-se generalizações, ou “cálculos” como diria Latour. Sem mencionar o autor a que se refere, Lacerda inicia por estabelecer um vínculo textual diacrónico, a observação da existência no passado americano de práticas semelhantes. A seguir, a intertextualidade se estabelece com narrativa sincrónica. Embora não haja menção explícita, nesta passagem é com os relatos do Capitão Cook que o astrónomo paulista dialoga.¹⁶ Um dado comportamento observado na América também foi observado entre os moradores das ilhas do Pacífico. Trata-se daquele tipo de intertextualidade caracterizado por Bruno Latour como ciclo de acumulação. Determinados saberes locais, devidamente desvitalizados e convertidos em inscrições, são alvos de práticas científicas como a comparação. Ainda que não reivindique tal coisa, Lacerda está a dar o seu contributo à criação de uma Etnografia ou Antropologia, já que, muito em passant, toca na oposição entre difusionismo e autoctonismo das manifestações culturais. O grande ‘defeito’ de sua inscrição foi a demora editorial. Este seu texto só foi publicado em 1849 e em uma língua cientificamente menor, a portuguesa, restringindo assim o alcance de sua contribuição.

Todos os relatos conhecidos de autoria de Lacerda e Almeida são textos mais ou menos provisórios: primeiras formas para posterior finalização, o que não chegou a ocorrer. A única excepção é o relato da viagem entre Mato Grosso e São Paulo (ALMEIDA, 1778), o qual foi enviado à Academia Real das Ciências com a pretensão de que fosse publicado em algum dos periódicos editados pela instituição. O que não aconteceu. Por ter sido revisto e finalizado este diário dá uma ideia mais precisa das maneiras através das quais o texto de Lacerda estabelecia relações com outros textos. No relato em questão, a primeira referência intertextual ocorre na no trecho em que descreve a passagem de Lacerda e Almeida pelo Camapuã.

Esta Faz.^{da} he infestada pelo Cayapó Nação robusta, q.' uza de bordão, e flexa armada na sua extremid.^e de hum espontão de rijo páo cheio de farpas dezencontradas pelo seo comprim.^{to} de dous palmos, ou tãobem de oSso: ella he tão numeroza, q.' só por si fas hum grd.^e Imperio, pois

16 Lacerda conhecia provavelmente alguma das versões francesas da edição do Almirantado publicada nas décadas de 1770 (HAWKENS WORTH, 1774).

princiando ao Norte do Cuyabá, e chega a Camapoam, ao Norte de S. Paulo, ao Norte, e Leste de V.^a Boa de Goyóz, cuja longitude, e Lat. A. / conforme as Observaçoes de huns Jezuitas / he de 330.º10.' e 16.º26 (ALMEIDA, 1778, f. 8).

Neste segmento o astrónomo faz uma de suas raras referências “etnográficas”, a qual tem por objeto os caiapós. Não se trata de uma escolha aleatória. Mais do que os “índios amigos”, os “índios inimigos” dos portugueses exigem sua participação na cultura escrita. R. Raminelli observou o mesmo nos relatos de Alexandre Rodrigues Ferreira, para quem “Os ameríndios submetidos à colonização eram praticamente invisíveis” (RAMINELLI, 1998, p. 163).

Quer por sua presença física no terreno, que pela presença em textos antecedentes, existe um lugar onde os caiapós precisam ser narrados para que o texto funcione em seus múltiplos aspectos, entre eles o da credibilidade. Lacerda traz para o seu relato informações elaboradas pelo padre astrônomo Domingos Soares que, junto com Diogo Carpassi, foi enviado por D. João V às colônias americanas com o objetivo de elaborar o “Novo Atlas do Brasil”. Para além de sua atuação como astrônomo, Domingos Soares encarregou-se de recolher uma série de textos sobre a região monçoeira (COLECÇÃO, 1975). É de imaginar que a expedição da qual fazia parte Lacerda e Almeida tenha sido municiada com cópia do material manuscrito resultante da expedição dos padres matemáticos, uma vez que visava dar continuidade à ação daquela. Ou seja, estamos diante um nó intertextual (Camapuã/Caiapó) em que se fundem informações vindas da observação direta e outras acumuladas numa tradição textual que naquele momento já estava consolidada. Mais uma vez estamos diante de um ciclo de acumulação do tipo preconizado por Latour.

Por fim, Lacerda termina suas reflexões sobre o Camapuã lamentando as enormes perdas em vidas portuguesas no trânsito das monções mato-grossenses. Note-se que o diálogo textual desenvolvido não se apoia no diretamente observado ou no ouvir dizer, mas na ‘comprovação’ documental trazida dos Anais da Câmara de Cuiabá. É bastante provável que Lacerda tenha tomado contato com este documento através de seu amigo e parente Diogo de Toledo Lara Ordonhes, outro luso-brasileiro coimbrão, o qual, na altura, era ouvidor do Mato Grosso. Ambos se encontraram em Cuiabá, como relatou o astrônomo (ALMEIDA, 1841, p. 43). O manuscrito original dos Anais contém diversas anotações de Ordonhes (ANNAES, 2007, p. 15).

se tambem lançarmos os olhos para os Annaes da Camara do Cuyabá e fizermos o cômputo dos homens que tem custado aquelle estabelecimento desde o seu principio mortos não só pelos trabalhos fomes enfermidades e mais miserias como tambem pelas grandes e

horriveis mortandades e em alguns annos geral destroço dos navegantes que attrahidos pela riqueza d'aquella descoberta, e atropellando todos os obstaculos corrião apôz do ouro e, ficavão sacrificados ao furor dos Gentios, que pelo espaço de mais de 20 annos fez lastimoza carnagem (ALMEIDA, 1841, p. 81).

Por fim, mais uma referência é agregada na construção da fábula moral do fatal afã pela riqueza recorrendo a um clássico, o “Auri sacra fames” de Virgílio (ALMEIDA, 1841, p. 89).

Um dos segmentos mais extensos e cuidadosamente trabalhados do relato da viagem entre Cuiabá e São Paulo diz respeito à pátria chica de Lacerda. O nó intertextual São Paulo/paulistas é central na escrita do astrônomo.

A cor rubicunda da maior p.^{te} dos habit.^{es} daquella Capit.^a / a excepção dos da beiramar / a fecundid.^e das mulheres, o augm.^{to} sensível dos colonos desde q.' deixarão de se expatriar / digamos aSsim / p.^a os certos, e finalm.^{te} a sua robustes provão m.^{to} bem a bond.^e do clima. O trigo, de q.' se fas hum ramo de comercio p.^a todas as noSsas minas, a boa produção das frutas de Portugal, q.' tem sido transplantadas, e as do Pais; os legumes, as raizes de m.^{tas} especies, a carne de vaca, e de porco, o queijo, e a ortalixa produzida sem maior amanho, fazem ser aquelle Paiz hum dos melhores do mundo (ALMEIDA, 1778, f 13v).

O sertão paulista descrito por Lacerda está em tudo distante das “toscas matas, onde se chamam senhoras às Pretas e as Mulatas”, com que alguns estudantes naturais de certas partes do Brasil eram espicados em Coimbra.

O padrão textual utilizado por Lacerda para narrar São Paulo se inscreve na tradição renascentista do elogio da cidade e sua pátria (*paese*) que passa necessariamente pela beleza e fertilidade dos moradores, a qualidade do clima e do solo, etc. Ultrapassado o encômio, o astrônomo recorre à citação de documentos manuscritos, as fontes primárias, neste caso como recurso de autoridade. Parece dizer: – Não sou eu a constatar a grandiosidade da obra paulista, mas o próprio rei e outros documentos comprobatórios depositados na casa da câmara de São Paulo.

Os Paulistas, estes incansaveis certanistas, se entranharão por este novo mundo, e espalhados por diversas p.^{tes} huns por veredas agora desconhecidas chegarão ao Maranhão / consta de hua Carta do Snr.' Rey D. Pedro de 2 de 9br.^o de 1692 q.' se acha rezistada nos livros da Camera de S. Paulo, em q.' manda, q.' a mesma Camera castigue ao Cap.^m Mor Fran.^{co} Dias de [f. 9v] Siqueira por ter inquietado aos Indios das MiSsoens daquelle Estado p.^a q.' vieSsem em sua comp.^a p.^a S. Paulo /; outros descobrirão Minas Geraes, e Goyas, e outros finalm.^{te} descendo pelo Rio Tieté, ou Anhamby, e Paraná, ou Grande subirão parte delles pelo Pardo, e parte por este Rio Anhanduy (a) no qual encontrarão a fóz do Rio Anhangaby; Subindo por ambos acharão Seis Povoaçoes Hespanholas com Igrejas, varias Officinas, Bois, Carneiros, cavalos &^a: tudo destruirão por estarem em terras de Portugal; e nestes lugares ainda se acha gado bravo, por cujo mottivo lhe dão o nome da Vacaria. Continuando a sua penoza derrota chegarão ao Paraguay huns pelos Rios Cuxiim, e Taquary, e outros pelo Boteteû, e Cahy, q.' tem suas origens na Vacaria: proSseguindo a sua penoza carreira por entre innumeraveis Naçoens de Gentios como Carayás, Pacoarentés, Xixibés, Axanés, Porrudos, Xacoreres, Araconés, Boripocunés, Arapanés, Hytáperés, Jaymés, Goatós, Ayeceras, e outros chegarão a descobrir as Minas do Cuyabá, e atirar do lugar, em q.' ella está fundada, 400 arrobas de ouro em hum mes. Consta dos Annaes da Camera (ALMEIDA, 1778, f 9v).

Diferentemente do nódulo textual Camapuã/Caiapó, já consolidado, o dos paulistas, ao menos no que diz respeito à dívida que coroa teria para com eles, começou a tomar forma nesta época. Respeitada a distância que há entre textos inéditos, como os de Lacerda, e os impressos, o astrônomo pode ser considerado um dos instauradores desta tópica, juntamente com os linhagistas Pedro Taques e Gaspar da Madre de Deus.¹⁷

Mas não se veja nisso uma eclosão de espírito nacionalista americano ou paulista. Tratava-se, antes, de um regionalismo exacerbado. Francisco José de Lacerda e Almeida em nenhum momento declinou de sua situação de súdito fiel, vassalo e servidor da coroa, entretanto e ao mesmo tempo, mantinha acesa forte vinculação com sua terra de origem.

Lacerda e Almeida não teve maiores problemas em fazer chegar a Portugal acusações gravíssimas contra Antônio Pires da Silva Pontes, seu parceiro e parente.

17 Sobre estes linhagistas existe ampla bibliografia. Ver Glazer (1992, p. 47).

Este seria o menor de seus crimes, se pelo espírito de rebelião, que nele reina pudesse por em prática os discursos que imprudentemente tem proferido de dever ser Minas Gerais /sua Pátria/ cabeça de um grande reino, faltando ao devido respeito à Nossa Soberana e aos deveres de cidadão.¹⁸

A acusação era, nada mais, nada menos, do que de lesa majestade, um dos crimes mais graves que poderia haver no Antigo Regime. Os expedientes de Lacerda e Almeida para atingir Silva Pontes parecem ter caído no vazio. Este não perdeu a confiança da coroa e, mais tarde, chegou a ser nomeado governador do Espírito Santo. Todavia, essa passagem é muito ilustrativa. Mostra que o sentimento de mineiridade, ou patriotismo mineiro, havia aflorado, transformando-se em proto nacionalismo, já em 1786. Pontes pode ser visto, portanto, como um “inconfidente” *avant la lettre*. Lacerda, por sua vez, na sua paulistidade reafirmava o pacto que fizera com a coroa, declarando-se um fiel súdito da monarquia portuguesa.

Sunt duo, in carne una

Do ponto de vista da intertextualidade, o relato mais interessante de Lacerda é o que cobre seu trajeto entre a vila de Tete e o Cazembe, onde morreu. O diário começa com uma epígrafe camoneana: *Verdades por mim vistas e observadas/Oxalá foram fábulas sonhadas* (PEREIRA; RIBAS, 2012, p.507).

Contudo, o Camões do astrônomo não era exatamente Camões, mas o Camões que estava em suas lembranças. Como afirmara em diversas passagens, naquele momento ele não tinha a sua biblioteca consigo, pois os seus livros haviam ficado em Tete. Citava de memória, portanto, adaptando as citações aos seus desígnios.

Canção 10

Não mais, Canção, não mais; qu'irei falando
Sem o sentir, mil anos; e se acaso
Te culparem de larga e de pezada;
Não pode ser (lhe diz) limitada
A água do mar em tão pequeno vaso.

18 Arquivo Histórico Ultramarino, Mato Grosso, Cx. 25, D1489.

Nem eu delicadezas vou cantando
Co'o gosto do louvor, mas explicando
puras verdades já por mim passadas.
Oxalá forão fábulas sonhadas!
(CAMÕES, 1860, v. 1, p. 217).

Em suma, a epígrafe trata das verdades contidas nos relatos de viagem. Este tema é caro a Lacerda. O narrador não deve buscar louvor, mas narrar a verdade. Todavia, quer no original, quer na citação, estranhamente está expresso o desejo de não ter passado pela experiência narrada, ou que tal experiência tivesse sido apenas um sonho. O real é tão fabuloso que ultrapassa as forças do próprio narrador e o consome.

Uma peculiaridade deste texto é o seu vínculo direto com os elaborados quando das viagens pelo Mato Grosso. É ao Mato Grosso que ele se refere quando busca referentes externos para comparar paisagens, pessoas, práticas ou costumes moçambicanos. É com seus textos mato-grossenses que ele dialoga, dando-lhes continuidade. Considerando que há um grande lapso de tempo entre os relatos, deve-se presumir que Lacerda, quando escrevia na África, relia os textos anteriormente produzidos, ou seja, ele estabelecia uma relação de intertextualidade consigo próprio, construindo performaticamente a si (o autor Lacerda) e a sua escritura (o entrelaçar de seus temas recorrentes).

Nesta passagem, onde descreve certas práticas dos africanos moradores dos prazos da Zambézia, ele volta ao costume nativo de dar alimentos aos mortos, observado quando visitou as missões espanholas.

gastaõ taõbem nos nos Supresticiozos Ritos dos Seos Finados: este he hum costume, que pela sua generalidade, ainda entre os Insulares m.^{to} distantes da terra firme, novam.^{te} descobertos p.^r M. Kook, e pelo que eu m.^{mo} obServei praticado entre os Indios Catholicos Romanos, das PoSsessoens Espanholas da Provincia de Moxos, muito me admira. Parece que o medo natural, que os homens de Limitadissimo discurso tem dos falecidos, he a primitiva origem do tributo que pagaõ ás suas almas, p.a que as tenhaõ propicias, e naõ lhes façaõ mal, como notou Plinio quando disse = *Timor fecit Deus* = (PEREIRA; RIBAS, 2012, p. 589-590).

Na construção dessa narrativa, como se percebe, os olhos de Lacerda, além de percorrerem as pessoas e o espaço físico onde se desenvolve o seu trajeto, percorrem os seus

próprios textos do passado onde estão inscritos outros textos ainda, como o do Capitão Cook. Por fim, o astrônomo arremata com um dito latino muito popular, atribuindo-o a Plínio. *Timor fecit Deus* é na verdade de Lucrécio, famoso poeta epicurista romano. O seu longo poema *De rerum natura* é uma das principais fontes para se conhecer o estado das ciências na antiguidade e, portanto, ganhou fama a partir do renascimento. Todavia, epicurista que era, Lúcrécio negava a imortalidade da alma e flertava com o ateísmo. Se o astrônomo paulista, sempre tão católico, o leu, fica a dúvida.

Isolado no interior da África e às portas da morte, Lacerda e Almeida ainda encontra tempo para enfrentar um embate literário, o qual comporta duas faces. Um delas refere-se à veracidade dos relatos de viagem produzidos por europeus e a outra à paulistidade. Elas fundem-se através da seguinte ordem de raciocínio: os seus relatos são mais verídicos por ele ser um “nativo”, um paulista ou, pelo menos, um não-europeu.¹⁹ No entanto, este postulado só será válido se ele desconstruir o estigma que pesa sobre os paulistas.

Essas questões aparecem consignadas em seu diário de viagem como uma espécie de desabafo que conforma um núcleo de intertextualidade bastante complexo, ao qual é chamada a participação de diversos livros.

Se eu tivesse trazido em m.^a comp.^a os Livros de Geografia que deixei em Tette, hoje imitava ao Barbr.^o Nunes, e ao Abade.... qd.^o reduziraõ à cinzas a Amadis de Gaula, e os Livros de Cav.^a de D. Quixote, queimando-os taõbem em castigo dos seos Auctores, p^r terem inteiram^{te} desfigurado a face do Orbe terraqueo, discrevendo quanto a sua imaginação esquentada com o vinho, e Licores fortes q' bebem p^r cauza do frio, lhes pinta durante o Sono; difinindo Povos e nascoens inteiras com os caracteres que naõ tem nem já mais tiveraõ, como acontece do q' dizem a resp.^{to} dos Paulistas, a quem Portugal naõ Sabe o q.^{to} lhes deve, e Se o naõ ignora, naõ o reconhece: e o que taõbem hum celebre Portuguez moderno, naõ sei se author, ou Traductor, mas impostor, e defamador dis a resp.^{to} dos Americanos taõ descaradam^{te}, que Se naõ envergonha de Ser capitulado p^r mentirozo, ou credulo, pois naõ estamos no Seculo de ferro (PEREIRA; RIBAS, 2012, p.633).

19 Os antropólogos Marshall Sahlins (2001) e Gananath Obeyesekere (1997) teriam comentários importantes a dizer sobre a fala deste “nativo”. Obeyesekere contesta a chave interpretativa usada no livro sobre o Avaí do Sahlins, afirmando-se como um “nativo”. Ocorre que Obeyesekere é natural do Ceilão e não do Avaí. Da mesma forma, Lacerda coloca-se como nativo, diante do olhar europeu. Todavia, ele é paulista e não um moçambicano.

Há confusão em algumas de suas referências, pois a memória é traiçoeira. O explorador tinha por alvo primário os livros de “geografia”, os quais mereceriam o fogo. Lacerda alude a uma famosa passagem de Cervantes (1794, p. 57-70), na qual o médico, o barbeiro e o cura atribuem a loucura de D. Quixote a seus livros de cavalaria e resolvem queimá-los. Por ironia, o *Amadis de Gaula*, que o explorador imagina ter sido reduzido a cinzas, foi um dos raros livros poupados da fogueira. A referência ao barbeiro Nunes é também resultado de confusão. Trata-se de um personagem de outra novela picaresca famosa na época: o filho do barbeiro Nunes, amigo de Gil Blas de Santillana (LESAGE, 1797).

A literatura de viagem, como diríamos hoje, mereceria a fogueira por desfigurar a “face do Orbe tarraqueo”, assim como os livros de cavalaria de D. Quixote. Nesta passagem, o astrônomo faz uma leitura negativa dos efeitos da intertextualidade, já que teriam produzido um acúmulo de inverdades, provocado pela distorção das lentes dos viajantes nórdicos.

No entanto, sua crítica era ela própria intertextual. Fazia parte da cultura escrita do período uma tradição de incredulidade²⁰ em relação aos livros de viagem que vinha dos séculos anteriores. Remetendo a essa tradição, Lacerda afirmou que “A mentira, e a Geografia principalmente da América, África, e Ásia *Sunt duo, in carne una*”.²¹ Como diz o historiador Juan Pimentel, “*la asociación entre viajeros y mentirosos era um lugar-comum em la cultura del siglo XVII*” (PIMENTEL, 2003, p. 32). No século XVIII, o naturalista Cornelius De Pauw foi quem melhor sintetizou esta desconfiança ao afirmar que podia “ser estabelecido como uma regra geral que, em 100 viajantes, há 60 que mentem desinteressadamente, como se fosse por imbecilidade, 30 que mentem por interesse, ou se quiser por malícia, e, finalmente, 10 que dizem a verdade”²²

Poucos anos antes de Lacerda partir em expedição à África, foi publicada na Inglaterra uma das mais devastadoras sátiras aos livros de viagem, cujo personagem, meio fictício, meio verdadeiro, tornou-se o arquétipo do viajante mentiroso: o Barão de Munchausen (RASPE, 1785). Não é possível afirmar que o astrônomo tenha lido as peripécias do barão, mas as suas críticas são dirigidas especificamente aos viajantes nórdicos que viam distorcidamente as nações estrangeiras. Aqui transparece uma oposição crítica ao ‘outro’ viajante, o europeu, que servia de contraponto e reforço à veracidade das suas próprias observações, as de um nativo das colônias que se dizia “fraco Geógrafo, porém dos mais Verídicos” (PEREIRA; RIBAS, 2012, p. 636). Se Lacerda não leu o Barão de Munchausen inventou ele próprio a categoria tipo dos narradores munchauseanos, cujos textos eram informados pela “imaginação esquentada com o vinho, e Licores fortes que bebem por cauza do frio”.

20 Para a associação entre mentira e viagem ver o clássico (ADAMS, 1962).

21 A expressão latina é usada comumente para expressar a indissociabilidade entre Cristo e Igreja ou entre os cônjuges após o casamento (PEREIRA; RIBAS, 2012, p. 663).

22 De Pauw (1771, v. 3, p. 181), tradução livre feita pelos autores. Ver também Duchet (1988, p.89) e Pimentel (2003, p. 33).

Há tempos este desabafo de Lacerda e Almeida tem sido visitado pelos estudiosos da identidade paulista. Todavia, um detalhe tem escapado a esses leitores. O texto do explorador não revela apenas a fala de um paulista. Seu discurso vai do particular para o geral para, então, retornar ao particular. Refere-se inicialmente aos naturais da capitania de São Paulo, com quem a coroa estaria em débito, para, em seguida, entrar na defesa dos “Americanos”, difamados por “hum célebre português moderno”. Lacerda, portanto, busca o desagravo dos naturais do Brasil em geral, para ao final retornar aos paulistas. O seu alvo final era outra novela picaresca, tudo indica, a *Histoire de Nicolas I* (ANÔNIMO, 1944).

Esta obra anônima tinha um forte caráter antijesuítico, mas satirizava também os mamelucos, diga-se paulistas, o que atingia frontalmente o amor à pátria chica do astrônomo. Frequentemente ela era atribuída aos círculos pombalinos portugueses.²³ Lacerda parece saber quem era o suposto autor, “um célebre português moderno”, que por credulidade ou malícia, reproduzia os estereótipos presentes nas obras daqueles jesuítas do “século de ferro”, como Ruiz de Montoya (1639) ou Patricio Fernandes (1726), responsáveis pela lenda negra dos mamelucos paulistas.

Assim, nestes últimos momentos de sua vida, o discurso de Francisco José de Lacerda e Almeida dirige-se contra os difamadores de sua pátria americana e da sua pátria chica paulista. Segundo ele, a percepção delas era deformada por observadores nascidos na Europa, bêbados e fantasiosos como Munchausen, que definiam “povos e nações inteiras com os caracteres que não têm nem já mais tiveram, como acontece do que dizem a respeito dos Paulistas, a quem Portugal não sabe o quanto lhes deve, e se o não ignora, não o reconhece” (PEREIRA; RIBAS, 2012, p. 632).

Como vimos, o astrônomo considerava seu “país” como “um dos melhores do mundo”, a terra da fartura. Afora uma suposta propensão ao luxo e à vaidade, “dois inimigos do sossego do nosso espírito e da nossa felicidade”, o que faria o país dos paulistas “mais célebre e famigerado (era) a fidelidade e respeitoso amor, que os seus colonos têm ao seu Soberano e a seus amigos; a sua hospitalidade, liberalidade, candura, ingenuidade, brio, honra e valor nas ações militares [...]”. Neste trecho, o explorador não estava a falar de um colono genérico, mas de um segmento específico, “homens cujos [...] importantes serviços feitos ao Estado, entranhando-se por aqueles imensos sertões [...], descobrindo neles todas as minas de ouro e pedrarias que possuímos, e que tanto têm enriquecido os seus posteriores, ficando eles e seus descendentes pobres” (ALMEIDA, 1841, p. 87). Ou seja, Portugal muito devia aos paulistas.

Os bandeirantes, como é sabido, estavam longe de ser um modelo de ingenuidade e candura. Mesmo assim, é a essa imagem mitificada que o paulista Lacerda e Almeida se reporta para enaltecer os homens da sua terra. Afinal, no discurso apologético desse paulista, coubera à gente de São Paulo as descobertas do ouro e das pedras preciosas das Minas Gerais

23 Outros preferem, no entanto, atribuí-la a círculos literários franceses, O'Neill e Domínguez (2001, p. 183).

que tanta riqueza trouxeram a Portugal. Dando mostras de saber que suas opiniões não eram unânimes, ele lembrava-se de contradizer aqueles que desfiguravam a imagem dos bandeirantes, capitulando-os por bárbaros, “como se o valor, resolução e intrepidez dependessem da barbaridade, e não de ânimos honrados e ambiciosos de glória” (ALMEIDA, 1841, p. 88).

Não é preciso chamar nenhum português do Reino, com a imaginação inflamada pela bebida, para fazer o contraponto à descrição apaixonada dos paulistas feita por Lacerda. A fala do mineiro José Elói Otoni sobre aqueles mesmos bandeirantes a que se refere o astrônomo viajante é uma excelente demonstração da existência de micro-fronteiras de autoidentificação permeando o discurso dos narradores no universo luso-americano da época.

O descobrimento das Minas foi pela maior parte obra dos Paulistas que nutridos da mais estúpida indolência viviam de corso, preferindo os incômodos de uma existência precária á honra do trabalho e ás vantagens da industria. A conquista dos Índios animava o objeto de descoberta, saciando a ferocidade dos conquistadores com a servidão dos seus semelhantes. [...] Porem os nossos bons Descobridores possuíam a arte de curar bem a pele, sem se entregarem ao mais pequeno incômodo da derrota. Os infelizes Índios conquistados eram outros tantos batedores que precediam abrindo caminho, por onde tranqüilamente passasse o estúpido e insensível Campeão conduzido numa rede aos ombros dos seus semelhantes (OTONI, 1912, p. 312).

A citação fala por si. Onde o paulista via a resolução e intrepidez do bandeirante, o mineiro enxergava estúpida indolência e ociosidade. O que se percebe é que, no final do século XVIII, a intelectualidade de São Paulo tentava livrar os naturais da capitania dos estereótipos da barbárie e da insubmissão criminosa, instaurando em seu lugar o de serem os mais fieis dos súditos da coroa portuguesa.²⁴ Exatamente no momento em que Lacerda preparava-se para partir com destino a Moçambique, saiu dos prelos da Real Academia das Sciencias a obra intitulada *Memorias para a história da capitania de S. Vicente*, a primeira grande resposta dos paulistas a seus detratores (MADRE DE DEUS, 1797). Isto não foi pouca coisa. A chancela da Academia de certa forma tornava oficial esta visão da história de São Paulo escrita pela ótica apologética dos naturais da capitania. Além disso, já circulava em manuscrito a Genealogia de Pedro Taques, que buscava nobilitar e branquear a elite paulista. O naturalista Alexandre

24 Existe uma larga bibliografia sobre o tema como: Blaj (1995), Souza, L (2000), Souza, R (2007).

Rodrigues Ferreira, ao arrolar as obras necessárias ao conhecimento do Brasil, já incluía o manuscrito (FERREIRA, 1934, p. 70). O discurso de Lacerda e Almeida não era, portanto, excepcional.

O poeta Cláudio Manuel da Costa, um mineiro que não renegava sua origem paulista, foi participante ativo na elaboração e difusão desse ideário e o resume com maestria, conforme pode ser visto no *Fundamento Histórico* de seu poema *Vila Rica*, de 1773.

Os naturaes da Cidade de S. Paulo que tem merecido a um grande numero de Geographos antigos e modernos a reputação de homens sem sugeição ao seo Soberano e de faltos do conhecimentos e respeito que se deve prestar as leis são os que nesta America tem dado ao mundo as maiores provas de obediencia fidelidade e zelo pelo seo Rei e pela sua patria (COSTA, 1903, p.152).²⁵

Mais uma vez, o discurso sobre a fidelidade à coroa portuguesa, tão próprio da intelectualidade paulista, mas não apenas dela. Efetivamente, das primeiras gerações de estudantes da Coimbra reformada, em que se incluía Lacerda, saíram alguns defensores de ideias independentistas. Como é sabido, uma parcela amplamente majoritária desses intelectuais esteve perfeitamente afinada com as políticas metropolitanas. Políticas estas que tinham o objetivo de alinhar Portugal às demais potências europeias em termos da produção de conhecimento científico sobre o mundo natural, sem perder de vista a questão do aproveitamento econômico dos produtos coloniais.

Ego sum

Os diários de viagem de Francisco José de Lacerda e Almeida têm uma característica muito peculiar. Lidos em sequência, eles conformam a “crônica de uma morte anunciada”, a qual, de fato, acontece no último episódio. Os diários, inclusive os de viagens científicas, são uma forma textual moderna, no sentido em que sua escrita é performática, escritor e escritura constroem-se simultaneamente, como argumenta Barthes.

25 Ver também Costa (1818, p. 375).

O Autor, quando se crê nele, é sempre concebido como o passado de seu livro: o livro e o autor colocam-se por si mesmos numa mesma linha, distribuída como um *antes* e um *depois*: considera-se que o Autor *nutre* o livro, quer dizer que existe antes dele, pensa, sofre, vive por ele; está para a sua obra na mesma relação de antecedência que um pai para com o filho. Bem ao contrário, o escritor moderno nasce ao mesmo tempo que seu texto; não é, de forma alguma, dotado de um ser que precedesse ou excedesse a sua escritura, não é em nada o sujeito de que o seu livro fosse o predicado (BARTHES, 1988. p.68).

Lacerda construiu em vida uma persona literária de “mártir do dever” (EÇA, 1951). Todavia, o propósito sofreu um percalço. Imediatamente após a morte de sua mulher, ele casou-se com a sobrinha e herdeira de uma das maiores proprietárias de terra da Zambézia: D. Francisca Josefa de Moura Meneses, a famosa Chiponda (RODRIGUES, 2000, p. 101-132). Morto Lacerda, seus adversários descobriram o fato e tentaram utilizá-lo para denegrir sua imagem em Portugal. Todavia, outro prazeiro moçambicano saiu em sua defesa, atribuindo certas peculiaridades de comportamento à sua formação científica.

Quanto a este Governador direi a V. S. o que jámais tenho dito, nem direi à Pessoa alguma. Este Sugeito tem Governado em todo o tempo, que esteve n'estes Paizes, com rectidaõ, e hum desinteresse, que ha muitos annos se naõ vio por aqui igual. Sim o criminão de duro nos Castigos: porém a sua situação, e o estado dos Rios de Sena, visto com os olhos de Filosofo, assim o pediaõ.

O governador astrônomo era honesto, implacável e via sua capitania com “olhos de filósofo”. A própria escrita de Lacerda e Almeida já propagandeava estas mesmas qualidades. No entanto, ditas por um terceiro, elas ganharam força e se tornaram a base da escrita apologética que se seguiu à sua morte. Além disto, em carta às autoridades metropolitanas, Rego Lisboa explicou que o casamento com a sobrinha da Chiponda fora a única forma que o explorador encontrara para dar seguimento à missão que D. Rodrigo lhe havia incumbido.

Vio que os Escravos dos Moradores desertavaõ, assim que lhe fallavaõ na viagem: Vio tambem que a Casa de D. Francisca possuia perto de 2\$[000]. Escravos; que todos o conheceriaõ seu Senhor, se elle n'ella casasse; e que como tal levariaõ a timbre acompanhallo; e que sendo a Escravatura d'elle mais obediente entre as mais, só com ella conseguiria, como conseguiu taõ penoza Viagem. Isto pois hé a real Causa do seu Casamento; este o motivo, e naõ outro; até o juraria, se preciso fosse por conhecer no fundo do meu coração por motivos indubitaveis, que esta foi a razão, que o arrojou a casar-se taõ rapidamente.²⁶

Esta afirmação também foi incorporada pelos biógrafos, a ponto de nos habituarmos com a explicação. Segundo Filipe de Eça, “Lacerda e Almeida casou segunda vez *por conveniência do serviço*, ou como agora se escreve a encerrar as notas e circulares com caráter oficial, *a bem da Nação!*” (EÇA, 1951, p. 103). O homem acima de qualquer suspeita, paulista, filósofo coimbrão, fiel súdito da coroa torna-se também “Escravo do dever e mártir da ciência!” Foi esse o significativo nome que Eça deu ao seu livro sobre o astrônomo, demonstrando assim a eficácia de auto-instauração da persona Francisco José de Lacerda e Almeida.

Referências

ADAMS, Percy G. *Travelers and Travel Liars. 1660-1800* Berkeley: University of California Press, 1962.

ALMEIDA, Francisco José de Lacerda e. *Diario da Viagem desde Villa Bella Capital da Capitania de Matto-Grosso até a Villa, e Praça de Santos na Capitania de S. Paulo*. Academia das Ciências de Lisboa, 1778. cód. Azul 998. Este manuscrito permanece inédito.

ALMEIDA, Francisco José de Lacerda e. *Diario da viagem do Dr. Francisco José de Lacerda e Almeida pelas capitánias do Pará, Rio Negro, Matto-Grosso, Cuyabá, e S. Paulo, nos annos de 1780 a 1790*. São Paulo: Typ. de Costa Silveira, 1841.

26 BNRJ, I-28-31-47. (PEREIRA; RIBAS, 2012, p. 576).

ALMEIDA, Francisco José de Lacerda e. Memória a respeito dos rios Baures, Branco, da Conceição, de S. Joaquim, Itonamas e Maxupo, e das três missões da Magdalena, da Conceição e de S. Joaquim. *RHIGB*, Rio de Janeiro, v. 12, p. 106-119, 1849.

ALMEIDA, Francisco José de Lacerda e. Breve memória das observações e notícias que adquiri em Moçambique no ano de 1797. In: PEREIRA, Magnus Roberto de Mello; RIBAS, André Akamine. *Francisco José de Lacerda e Almeida: Um astrônomo paulista no sertão africano*. Curitiba: Editora da UFPR, 2012. p. 495-506.

ALVARENGA, Manoel Ignacio da Silva. *O desertor; Poema heroico-comico*. Coimbra: Real Officina da Universidade, 1774.

ALVARENGA, Manoel Ignácio da Silva. *Ao sempre augusto e fidelissimo rei de Portugal o senhor dom José I no dia da collocação da sua real estatua equestre, epístola de Manoel Ignácio da Silva Alvarenga estudante da Universidade de Coimbra*. [Lisboa: Real Officina Typographica, 1775].

ANNAES do Senado da Camara do Cuyabá. 1719-1830. Cuiabá: Entrelinhas, Arquivo Público de Mato Grosso, 2007.

ANÔNIMO. *Histoire de Nicolas I, roy du Paraguai, et empereur des Mamelus*. Rio de Janeiro: Zélio Valverde: 1944. Edição fac-similar do original de 1756, anotações de Rubens Borba de Moraes e Augusto Meyer.

AZEVEDO, João Lúcio. *O Marquez de Pombal e a sua época*. Lisboa: Livraria Classica Editora, 1909.

BARTHES, Roland. *Théorie du texte*. Paris: Seuil, 1974.

BARTHES, Roland. *S/Z*. Lisboa: Edições 70, 1980.

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BLAJ, Ilana. *A trama das tensões: O processo de mercantilização de São Paulo colonial. (1681-1721)*. 1995. Tese (Doutorado) - FFLCH/USP, São Paulo, 1995.

BUFFON, Georges-Louis Leclerc, comte de. *Histoire Naturelle, générale et particulière, avec la description du Cabinet du Roi*. Paris: De L'Imprimerie Royale, 1749-1804.

BUREAU DES LONGITUDES. *Connaissance des temps; a l'usage des astronomes et des navigateurs*. Paris: Académie Royale des Sciences, Imprimerie de la République, 1798.

CAMÕES, Luís de. Canções; Canção 10. In: _____. *Obras de Luiz de Camões*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1860.

CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. *O engenhoso fidalgo dom Quixote de la Mancha*. Lisboa: Typografia Rollandiana, 1794. v.1.

COLECÇÃO do Pe Diogo Soares ou Noticias Praticas de varias minas, e do descobrimento de novos caminhos, e outros sucessos do Brazil, dirigidas ao P. Diogo Soares. Biblioteca de Évora, cód. CXVI/2-15. Cuiabá: EdUFMT, Secretaria de Educação e Cultura, 1975.

CONSELHOS *que dá hum Brasileiro Veterano a todos os seus Patricios que chegarem a esta Corte*. Lisboa: na Off. de Francisco Sabino dos Santos, 1778.

COSTA, Cláudio Manuel da. *Memoria Historica e Geographica da descoberta das Minas extrahida dos Manuscriptos de Claudio Manoel da Costa Secretario do Governo daquella Capitania. O Investigador portuguez em Inglaterra*, 1818. v. 23.

COSTA, Cláudio Manuel da. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Garnier, 1903.

CRUZ, Ana Lúcia R. B.; PEREIRA, Magnus R. M. Ciência, identidade e quotidiano. Alguns aspectos da presença de estudantes brasileiros na Universidade de Coimbra, na conjuntura final do período colonial. *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, n. 9, p. 205-228, 2009.

DARNTON, Robert. *O negócio do Iluminismo; história da publicação da Enciclopédia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DARNTON, Robert. *The devil in the Holy Water; the art os Slander from Louis to Napoleon*. Philadelphia: University of Pensylvania Press, 2010.

DENIPOTI, Cláudio; FONSECA, Thais Nivea de Lima e. Censura e mercê; os pedidos de leitura e posse de livros proibidos em Portugal no século XVIII. *Revista Brasileira de História da Ciência*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 139-154, 2011.

DENIPOTI, Cláudio. O embaixador, o livreiro e o policial: circulação de livros proibidos e medo revolucionário em Portugal na virada do século XVIII para o XIX. *Varia História*, n. 52, p. 129-150, 2014.

DE PAUW, Cornelius. *Recherches philosophiques sur les Américains, ou, Mémoires intéressantes pour servir à l'histoire de l'espece humaine*. Berlin, 1771. v. 3:

DISCURSO que fizerao duas senhoras portuguezas depois de lerem o papel dos Conselhos que deu hum brasileiro a todos os seus patricios; Dialogo entre Marcina e Delmira. Lisboa: na Officina de João Antonio da Silva, 1778.

DUCHET, Michèle. *Antropologia e historia em el siglo de las luces*. México: Siglo Veintuno, 1988.

EÇA, Filipe Gastão de Almeida de. *Lacerda e Almeida; Escravo do dever e mártir da ciência*. (1753-1798). Lisboa, 1951.

ECO, Umberto. *Obra aberta*. São Paulo: Perspectiva, 1969.

FERREIRA, Alexandre Rodrigues. Observações Gerais e particulares, sobre a classe dos mamíferos observados nos territórios dos três rios, das Amazonas, Negro, e da Madeira. *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, v. 60, p. 70, 1934.

FOUCAULT, Michel. *L'archéologie du savoir*. Paris: Gallimard, 1969.

FOUCAULT. Qu'est-ce qu'un auteur? In: _____. *Dits et écrits (1954-1988)*. Paris: Gallimard, 1994.

GARDINER, William. *Tables portatives de logarithmes*, publiées à Londres, augmentées et perfectionnées dans leur disposition. Paris: Imprimerie de FR. Amb, Didot l'aîné, 1783.

GLAZER, Raquel. *Chão de terra; um estudo sobre São Paulo colonial*. 1992. Tese (livre-docência em Metodologia da História)- USP, São Paulo, 1992.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da Esfera Pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HAWKENSWORTH, J. *Relation des voyages entrepris par ordre de Sa Majesté Britannique, actuellement regnante, pour faire des découvertes dans l'hémisphère méridional, et successivement exécutés par le commodore Byron, le capitaine Carteret, le capitaine Wallis & le capitaine Cook, dans les vaisseaux le Dauphin, le Swallow & l'Endeavour*. Paris: Saillant et Nion, 1774.

KRISTEVA, Julia. *Le texte du roman: approche sémiologique d'une structure discursive transformationnelle*. Paris: Walter de Gruyter, 1970.

LANDOW, George P. *Hypertext: the convergence of contemporary critical theory and technology*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1992.

LATOUR, Bruno. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: Unesp, 2000.

LESAGE, Alain-René. *Aventuras de Gil Blas de Santillana*. Madrid: La Imprenta de la viuda e hijo de Marin, 1797.

LINNÆI, Caroli. *Genera Plantarum; Eorunque caracteres naturales*. Lugduni Batavorum: Conradum Wishoff, 1742.

MADRE DE DEUS, Gaspar. *Memorias para a historia da capitania de S. Vicente, hoje chamada de S. Paulo, do estado do Brazil*. Lisboa: Typografia da Academia, 1797.

MARTINS, Maria Teresa Esteves Payan. *A censura literária em Portugal nos séculos XVII e XVIII*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.

MONTEZ, Caetano. (Ed.). *Inventário do Fundo do Século XVIII*. Lourenço Marques: Arquivo Histórico de Moçambique, 1958. p. 182-187. (Contas do espólio do Sr. Governador Francisco José de Lacerda e Almeida falecido no Centro de África, de que dá conta Pedro Nolasco Vieira de Araújo, como procurador do mesmo, 8 de janeiro de 1800).

OBEYESEKERE, G. *The Apotheosis of Captain Cook*. Princeton: Princeton University Press, 1997.

O'NEILL, Charles E. e DOMÍNGUEZ, Joaquín María. *Diccionario histórico de la Compañía de Jesús*. Madrid: Universidad Pontificia Comillas, 2001.

ORLANDI, Eni P. A natureza e os dados; A constituição histórica de um modelo de pesquisa de campo. *Caderno de Estudos Linguísticos, Campinas*, v. 27, p. 47-57, 1994.

OTONI, José Eloi. Memória sobre o estado actual da Capitania de Minas Gerais. *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, n. 30, 1912.

PALITO métrico e correlativa macarrónea latino-portuguesa. Coimbra: Coimbra Editora, 1942.

PATRICIO FERNANDEZ, Juan. *Relacion historial de las misiones de los Indios, que llaman Chiquitos*. Madrid: Manuel Fernandez Impresor de Libros, 1726.

PEREIRA, Magnus Roberto de Mello. Las cosas singulares de piedras, animales, plantas; La formación y el funcionamiento de la red imperial española de remesas científicas en el Virreinato del Río de la Plata. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, n. 21, n.1, p. 91-138, 2013.

PEREIRA, Magnus R. M.; CRUZ, Ana Lúcia R. B. Os colonos cientistas da América Portuguesa: Questões historiográficas. *Revista de História Regional*, Ponta Grossa, n. 19, n. 1, p. 7-34, 2014.

PEREIRA, Magnus Roberto de Mello; RIBAS, André Akamine. *Francisco José de Lacerda e Almeida: Um astrônomo paulista no sertão africano*. Curitiba: Editora da UFPR, 2012.

PIMENTEL, Juan. *Testigos del mundo; Ciencia, literatura y viajes en la ilustración*. Madrid: Marcial Pons, 2003.

PINTO, Fernão Mendes. *Peregrinação de Fernão Mendes Pinto, e por elle escrita, que consta de muytas... cousas, que vio[...]e ouvio no Reyno da China, no de Tartaria, no de Pegu, no de Martavão e em outros muytos Reynos, e senhorios das partes orientaes..* Lisboa: Impr. de J. Lopes Ferreyra, 1711.

RAMINELLI, Ronald. Ciência e colonização; Viagem Filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira. *Tempo*, Rio de Janeiro, v.3, n.6, p. 163, 1998.

RASPE, Rudolf Erich. *Baron Munchausen's Narrative of his Marvellous Travels and Campaigns in Russia*. Oxford, 1785.

RODRIGUES, Eugénia. Chiponda, a “senhora que tudo pisa com os pés”; Estratégias de poder das donas de prazos do Zambeze no século XVIII. *Anais de História de Além-Mar*, v. 1, p. 101-132, 2000.

RUIZ DE MONTOYA, Antonio. *Conquista espiritual hecha por los Religiosos de la Compañia de Jesus en las provincias Paraguay, Parana, Vruaguay, y Tape*. Madrid: Imprenta del Reyno, 1639.

SAFIER, Neil. *Measuring the New World: Enlightenment Science and South America*. University of Chicago Press, 2008.

SAHLINS, M. *Como pensam os "nativos"*. São Paulo: Edusp, 2001.

SILVA, Ana Cristina Nogueira; HESPANHA, António Manuel. A identidade portuguesa. In: MATTOSO, José (dir.). *História de Portugal*. Lisboa: Editorial Estampa, 1992. v.4.

SOUZA, Laura de Mello e. Vícios, virtudes e sentimento regional: São Paulo, da lenda negra à lenda áurea. *Revista de História*, v. 142-143, p. 261-276, 2000.

SOUZA, Ricardo Luiz de. História regional e identidade: o caso de São Paulo. *História & Perspectivas*, Rio de Janeiro, v. 36-37, p. 389-411, 2007.

TEIXEIRA, Ivan. *Mecenato pombalino e poesia neoclássica*. São Paulo: Edusp, 1999.

Recebido em 09.12.2015

Aprovado em 29.08.2016